

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

ATUALIZAÇÃO

O novo livro de Paulo Freire: a Pedagogia da Esperança



Rogério Falsai

montar seu programa. "Eu sou mãe, professora e trabalho com os temas do dia-a-dia. Com base na experiência com meus filhos e alunos, crio composições simples, mas com melodias muito ricas, que sobem e descem, moduladas, pois isso cativa a criança", explica Bia, entinchada na resistência ao uso comercial dos programas infantis.

Bia: "Tem comércio demais"

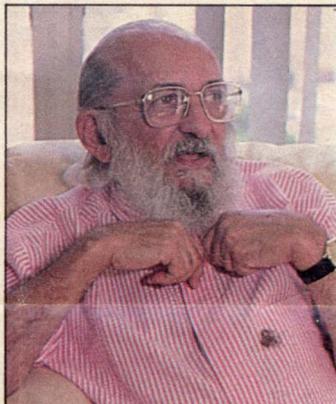
Em vez do consumo, Bia prefere estimular o afetivo. "E deve ser por isso que fico fora da mídia. Eu levo mil crianças por semana ao teatro e isso não sai na imprensa", lamenta Bia, que além do programa e do teatro ainda dá aulas de música para crianças da rede pública no Rio de Janeiro e nas escolas de formação do Magistério. Ela é bem clara nas suas opções: "Já tem comércio demais nos outros canais. No meu programa, em vez da mentira e do sonho pautado apenas na fantasia vazia, trabalho com o olhar da criança, com suas conquistas. Não adianta a criança querer uma tal mochila de tal marca, se ela mora no morro", conclui Bia Bedran, destacando a raridade que é o programa *Mundo da Lua*, no qual não é vendido nada, mesmo sendo reprisado numa TV comercial. **Ana Lagôa/José Luiz Frare**

A história recente do Brasil poderia ser narrada por intermédio de sucessivas lutas populares movidas pela esperança em dias melhores. Todavia, esse movimento histórico-social que tão frequentemente ganha as ruas acaba quase sempre em grande frustração.

Na década de 60 os movimentos estudantis lutaram pelo acesso à universidade. Hoje os estudantes têm de voltar às ruas porque, legalmente, podem entrar na universidade, mas a pobreza os impede de ali continuar. Na década de 70

o país foi mobilizado na luta pelos direitos de cidadania (anistia, liberdade sindical e reorganização partidária), e logo frustrou-se pela crise econômica dos anos 80. Na década passada conseguimos eleger governadores diretamente e até um presidente, mas, a cada esperança, a cada conquista, vem se seguindo uma nova decepção. Mesmo assim, volta e meia o povo enche as praças, confirmando o dito popular: *Brasileiro, profissão-esperança*.

É nesse contexto de perplexidade e de crise de legitimidade do Estado no Brasil que Paulo Freire acaba de lançar seu novo livro, **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Em suas páginas iniciais ele cita um professor amigo que o indaga, espantado: "Mas como, Paulo, uma pedagogia da esperança no bojo de uma tal sem-vergonhice como a que nos asfixia hoje, no Brasil?"



Alice Hattori

Paulo Freire: "Não sou esperançoso por teimosia, mas por um imperativo existencial e histórico"

Esse não é apenas um outro livro de Paulo Freire, mas um novo livro de Paulo Freire, talvez o mais importante depois do *Pedagogia do Oprimido*, escrito há 25 anos e que marcou a história das idéias pedagógicas deste século.

Nesse novo livro Paulo Freire responde à indagação do seu amigo, professor universitário, afirmando que não entende a existência humana e a necessária luta para fazê-la melhor, sem esperança e sem sonho. A desesperança, diz ele, nos imobiliza e nos faz sucumbir no fatalismo. E conclui: "Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico".

O autor relata as tramas, os fatos, os debates, as discussões, os projetos, as experiências e os diálogos que teve, sobretudo na primeira década de existência do seu livro *Pedagogia do Oprimido*, tão atuais hoje quanto na época em que ocorreram. Ele lembra como superou, com humildade, certas ingenuidades, aceitando as críticas que ia recebendo. Por exemplo, ele havia aprendido na sua infância que, quando se falava a palavra homem, a mulher estava necessariamente incluída. Por intermédio de cri-

produtos infantis. Muitos desses produtos levam as marcas comerciais dos próprios animadores. Em resumo, são *shows* baratos para as emissoras, que acabam saindo caro para os pais, financeira e intelectualmente.

O MODELO DOS SHOWS INFANTIS TEM SUAS DIRETRIZES E BASES:

- ✗ **A vida é uma festa, tipo festa de aniversário**, com convidados gritando e se empurrando. O animador deve estimular o grito e o empurrão.
- ✗ **A vida é competição e as crianças precisam aprender a levar vantagem**, ganhar prêmios em disputas e sorteios. É menino contra menina, azul contra verde, surdo contra cego... Como diz o "educador" Sílvio Santos, é preciso "fazer tudo por dinheiro" para se chegar até a "porta da desesperança" do Sérgio Mallandro.
- ✗ **Criança precisa de um ídolo, e para tanto é importante amar a Xuxa** sobre

todas as coisas. É preciso se vestir como ela, falar como ela, cantar como ela... Se a mãe da criança for do tipo "mãe de miss" ou "mãe de modelo", que quer ver a filhinha "lá", precisa levá-la ao auditório. Quem sabe ela venha a ser uma *paqueta*? Se for ao auditório da Mara, vai aprender a ser precocemente erótica.

✗ **É importante ser sensível, sobretudo quando não se tem muita inteligência**. Mara Maravilha transmite mensagens emocionantes sobre o amor, a gratidão, a energia vinda do pensamento positivo e besteiras do tipo filosofia do Clodovil. É "educativo".

Mas será que não há nada de bom nesses *shows* em que aparecem tantos artistas, de graça, para promover seus discos e espetáculos, em que há animadores tão idolatrados? Não, não sejamos pessimistas. Há uma coisa ótima. Entre um segmento e outro, eles desaparecem e entram os desenhos animados. **João Miratel**



ticas recebidas, percebeu, mais tarde, a armadilha machista na qual havia caído. Perguntaram-lhe, num debate, por que os homens não se acham incluídos quando dizemos: "As mulheres estão decididas a mudar o mundo?"

Tenho lido muitos trabalhos de Paulo Freire. O que me encantou nesse livro foi principalmente o ritmo cadenciado de quem conta uma história toda, uma história vivida, sem interrupções, numa linguagem muitas vezes poética, às vezes raivosa, mas sempre amorosa. E, sobretudo, honesta, como quando afirma que Josué de Castro era "dono de uma vaidade tão frondosa quanto a de Gilberto Freyre, mas, como a deste, uma vaidade que não incomoda ninguém".

Pedagogia da Esperança não tem títulos de capítulos. É uma narrativa. O leitor o lerá como uma história, contada por quem a viveu. Não notará que está passando de um capítulo para outro.

Percebe-se nesse livro, mais do que em outras obras, a importância que teve o contexto histórico de profundas mudanças por que passava nos anos 60 o Chile, país que o acolheu na primeira fase do exílio, período em que ele trabalhou na formação dos técnicos da im-

plantação da reforma agrária. Enquanto estava no exílio, Paulo Freire gradualmente começou a compreender o significado do golpe militar de 1964, não como uma "quartelada" como se dizia na época, mas como uma nova forma de intervenção imperialista na América Latina. Nesse contexto de nova estratégia imperialista, ele escreveu a *Pedagogia do Oprimido*. *Pedagogia da Esperança* relata como a *Pedagogia do Oprimido* foi assumida pelo Terceiro Mun-

Contra essa corrente neoliberal e anti-humanista, Paulo Freire retoma com vigor, nesse livro, a utopia de uma sociedade mais justa

do como instrumento de luta contra essa nova política de intervenção cultural e econômica do Primeiro Mundo.

As notas da historiadora Ana Maria Freire, sua esposa, vêm acompanhando todo o livro, destacando e esclarecendo algumas das mais importantes passagens, entre elas a da gestão democrática da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo, durante o período em que Paulo Freire foi secretário (1989-1991).

A mim, particularmente, que venho es-

tudando o fenômeno do multiculturalismo, a leitura desse livro demonstrou-me que a *Pedagogia do Oprimido* lança as bases de uma educação multicultural como educação dos direitos humanos e para a cidadania. O êxito ou o fracasso escolar dependem, em grande parte, do equacionamento ou não da relação entre o itinerário educativo do aluno e a sua identidade cultural. O berço da *Pedagogia do Oprimido* é essa cultura mestiça latino-americana marcada pela violência inicial da conquista e da colonização, que a educação dominante nunca levou a sério.

Hoje, sobretudo após as mudanças ocorridas no Leste Europeu, alguns neoliberais entoam loas ao fim da utopia, sustentados pelo desencanto com os modelos populares e socialistas. Esse pensamento não deixa de ser iníquo, na medida em que menospreza a luta de milhares de homens e mulheres que, animados pela esperança numa Humanidade emancipada, durante séculos empenharam suas vidas e sonharam com uma ordem social fundada na justiça.

Contra essa corrente neoliberal e anti-humanista, Paulo Freire retoma com vigor, nesse livro, a utopia e mostra a trajetória de um punhado de pessoas que não perderam a esperança na construção de uma sociedade com maior liberdade, justiça e equidade — não por pura teimosia, mas como um imperativo existencial e histórico do nosso tempo.

Moacir Gadotti

LITERATURA

E a leitora tinha razão...

Uma leitora de *Nova Escola*, concordando com a crítica de abril desta coluna — referente à necessidade de se atualizar a leitura literária da escola —, faz duas ressalvas dignas de comentário. A primeira é sobre a impossibilidade de o professor acompanhar tudo o que é editado e, sobretudo, saber quais os autores atuais com qualidades literárias. Concordo. É preciso que críticos e professores de literatura indiquem quem são os novos mercedores da leitura dos demais professores e dos alunos. Mais ainda, as editoras deveriam mandar exemplares das edições desses autores atuais, com comentários críticos para promovê-los.

Outra observação diz respeito à parcialidade das escolhas, feitas sem distanciamento histórico. Também concordo. Em verdade, sempre há parcia-

lidade, quer na escolha de textos antigos levados para as salas de aula, quer na escolha dos novos. O gosto pessoal de quem escolhe acaba se sobrepondo a critérios menos tendenciosos. Temos que correr o risco, temperando nossa parcialidade com a de outros leitores, principalmente com a de leitores exigentes.

Diante dessas observações, ambas pertinentes, achei que deveria trazer para nossos leitores uma lista de escritores — nem sempre tão novos — mercedores de atenção, não só para as leituras de aula, como para as de prazer pessoal. Os eleitores-leitores convidados a participar desta escolha foram Ione Meloni Nassar, professora e editora-chefe da FTD; Fernando Paixão, poeta e editor-chefe da Editora Ática; Moacir Amâncio, contista, poeta e crítico literário do

jornal *O Estado de São Paulo*; Samira Chalhub, ensaísta e professora de literatura da PUC-SP; Wladir Nader, romancista e diretor da revista *Escrita*; e Yosi Fujyama, poeta e editor-chefe da editora Estação Liberdade.

Apresentadas as listas de cada um desses eleitores, fez-se uma lista final com os 20 autores mais votados, que não é definitiva. É meramente exemplificativa de 20 autores de prosa narrativa (crônica, conto, novela, romance), pós-Guimarães Rosa e Clarice Lispector. A lista não exaure — até pelo limite de 20 autores — todos os que são dignos de leitura, nem está isenta de erros ou omissões dolorosas — dolorosas porque depois da publicação a gente começa a lembrar dos nomes esquecidos que deveriam constar dela. Esperamos completá-la em novas eleições.

A mim coube apenas montar a lista final de leitura, por ordem alfabética.